

La movida: pontes e fluxos do Rap no Paraguay

Janaina de Jesus Lopes Santana*

Angela Maria de Souza**

Ronaldo Silva***

No balanço da etnografia!

Este artigo é um recorte da pesquisa desenvolvida no projeto de Iniciação Científica intitulado “Movimento hip hop: Estéticas Afro-Latino-Americanas entre fronteira”¹ produzido nos anos 2011-2014, que teve como proposta realizar uma análise sobre a criação musical do rap, atento aos discursos e narrativas musicais. A proposta foi percorrer as reflexões sobre como estes jovens se representavam e se percebiam dentro do contexto urbano a partir de suas músicas e práticas sociais no contexto da fronteira entre as cidades de Foz do Iguaçu - BR e Ciudad Del Este - PY, sendo esta uma fronteira trinacional que envolve Foz do Iguaçu - Brasil, Ciudad Del Este - Paraguai e Puerto Iguazu - Argentina.

A pesquisa possibilitou adentrar na cultura hip hop a partir da cidade de Foz do Iguaçu, a partir da qual fomos ampliando as fronteiras e adentrando nas práticas de pesquisa. Nosso primeiro trabalho de campo em eventos de Movimento hip hop na cidade de Foz do Iguaçu foi no show do Mc Thiago no Teatro Barracão em agosto de 2013. E essa ida ao evento foi viabilizada pelo convite do rapper e DJ Mano Zeu, um

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE (2021). Pesquisadora ao NEALA - Núcleo de Estudos Afro latino Americanos.

E-mail: ninahh93@gmail.com

** Doutora em Antropologia Social pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do Curso de Antropologia e PPG - IELA Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino Americanos na UNILA - Universidade Federal da Integração Latino Americana. Coordenadora do NEALA - Núcleo de Estudos Afrolatino Americanos.

E-mail: angelas2508@gmail.com

*** Doutorando em Direitos Humanos e Democracia pelo PPGD da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre pelo PPG Integração Contemporânea da América Latina (UNILA). Pesquisador-associado ao Centro de Estudos da Constituição – (CCONS-UFPR). Bolsista CAPES; Editor-Assistente do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC).

E-mail: ronaldosilvars@hotmail.com

¹ Este projeto foi orientado pela Dra. Angela Maria de Souza, sob financiamento PIBIC-UNILA entre 2011-2014.

grande parceiro para a realização de pesquisas e construção de conhecimento sobre o Movimento hip hop no contexto da fronteira.

No evento, organizado pelo grupo Oeste Bang², foi possível iniciar uma rede de contatos, tanto com os grupos da cidade do lado brasileiro quanto dos grupos argentinos e paraguaios. O evento contou com batalhas de freestyle, break dance e shows de alguns grupos nacionais e internacionais, entre os quais Mano Zeu³, Acionarios MDL⁴, Break Sagaz Crew⁵ entre outros.

Através deste e outros encontros, percebemos como o Movimento hip hop redefine fronteiras, deslocando-as e as transformando por meio das rimas, danças e expressões artístico culturais. Suas expressões estético-musicais, nos evidenciam que a fronteira vai muito além do discurso turístico das Cataratas do lado brasileiro e argentino ou intenso comércio paraguaio. O Movimento hip hop reescreve a história, desmistificando a escrita de uma narrativa única, incorporando atores antes negados ou excluídos como a população negra, indígena, periférica, a questão de gênero, entre outras. Ressaltamos a relevância que o Movimento hip hop teve/tem na constituição de quem somos nós, nosso papel de reflexão como pesquisadores e pesquisadoras, transformando nossas perspectivas de enxergar a escrita acadêmica, a hegemonia epistemológica e qual nossa responsabilidade social dentro da universidade para com a comunidade. No gingado das rimas de rap, nas expressões artísticas na parede, o território da fronteira vai sendo desvendado.

Estar na fronteira (PEREIRA, 2016), ora em suas margens simbólicas ora em seus limites geográficos, nos permitiu o estabelecimento de uma rede de contato, que nos levou a conhecer alguns integrantes do Movimento hip hop paraguaio, mais especificamente na capital Assunção através da participação em eventos, tais como: Tributo ao Sabotage, show do MC GOG na inauguração da biblioteca comunitária do Cidade Nova, shows e oficinas do Coletivo No Hay Frontera e alguns eventos de rap e skate na cidade de Presidente Franco no Paraguai.

² Grupo Oeste Bang é formado pela união de alguns segmentos atuantes do Movimento Hip Hop da cidade de Foz do Iguaçu, reunindo rap, break dance e grafiteiros/pixadores.

³ Mano Zeu: Dj e Rapper, poeta na cidade de Foz do Iguaçu - PR.

⁴ Acionarios MDL: grupo de rap de Foz do Iguaçu. Disponível em: <<https://www.facebook.com/acionariosmdl045/>>. Acesso em: 15 out. 2021.

⁵ Break Sagaz Crew: grupo de break criado pelo b-boy Grulherme. Disponível: <<https://www.facebook.com/Break-Sagaz-Crew-1619584171621176>>. Acesso em: 15 out. 2021.

Figura 1 - Evento tributo ao Sabotage (2013)⁶



Fonte: Página do rapper e DJ Mano Zeu no Facebook⁷.

O evento “Tributo Sabotage” foi realizado na biblioteca comunitária do bairro Cidade Nova, localizado na periferia de Foz do Iguaçu, onde já aconteciam alguns encontros do Movimento hip hop da cidade, como batalhas de *freestyle* e *breakdance*. Cabe destacar que a biblioteca foi uma iniciativa da comunidade para ocupar um espaço e assim organizar um lugar de construção e busca de conhecimento para os moradores, com empréstimos de livros e realização de palestras e oficinas, ressignificando um espaço antes não utilizado e proporcionando a vinda e implementação de projetos como as ações de extensão e pesquisa da Universidade da Integração Latino Americana e Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Possibilitando a autonomia e acesso a

⁶ Foto do acervo pessoal do Mc Mano Zeu.

⁷ Disponível em:

<www.facebook.com/photo.php?fbid=415214195272892&set=t.100002577276948&type=3>. Acesso em: 20 out. 2021.

direitos como a leitura e cultura dos moradores do bairro. Foi através da iniciativa da Comunidade do Bairro Cidade Nova, em parceria com a UNILA que foi possível a vinda de GOG⁸ para Foz do Iguaçu e ao Bairro Cidade Nova, durante eventos acadêmicos e musicais realizados na Universidade. Foi com a presença de GOG que a biblioteca do Cidade Nova foi inaugurada em 2012.

Figura 2 - Encontro com GOG na Biblioteca do Bairro Cidade Nova (2012)



Fonte: Página da professora Angela Souza no Facebook⁹.

⁸ Um dos pioneiros do movimento rap do Distrito Federal, GOG nasceu como Genival Oliveira Gonçalves, em Sobradinho, cidade do entorno de Brasília. Musicou suas poesias nas batidas do hip hop e do rap e, por influência de primos, olhou para a black music. Nunca abandonou a leitura marginal e os movimentos culturais que, segundo ele, “são essenciais para a sobrevivência do texto e do teor evolutivo de sua obra”. GOG tem mais de 30 anos de carreira e onze álbuns lançados. Em muitos contou com a participação de artistas como Zeca Baleiro, Dhy Ribeiro, Ellen Oléria, Hamilton de Holanda, Kalyne Lima, Ze Brown, Wellyngton Abreu, Kiko Santana e Gato Preto. Disponível em: <<http://www.tvjustica.jus.br/index/detalhar-noticia/noticia/377443>>.

⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=3449650094528&set=a.2052253160478>>. Acesso em: 20 out. 2021.

Os eventos organizados pelos participantes do Movimento hip hop na biblioteca do Cidade Nova, fomentam o debate em torno da importância da ocupação dos espaços da cidade através das expressões culturais, a exemplo do Movimento hip hop. Em nossa pesquisa o Movimento hip hop pode ser entendido como um mediador no processo de socialização e mobilização não somente dos envolvidos no Movimento, mas de toda a comunidade.

A mobilização social por meio da ocupação de espaços públicos, no caso da nossa pesquisa nas ruas de Foz do Iguaçu e nas *calles* de Ciudad del Este, Presidente Franco e Assunção no Paraguai pode ser considerada como um passo inicial para repensar ou (rap)pensar¹⁰ os processos históricos e sociais de cada país, atentando para formas como as populações indígenas e negras são retratadas ou invisibilizadas no discurso oficial do Estado, protestando contra a falta de acesso a espaços culturais, falta de bibliotecas públicas nos bairros das cidades, falta de políticas para a juventude.

A partir das práticas do Movimento hip hop a cidade é reivindicada a partir do direito à cidadania. Em sua pesquisa sobre Mulher Negra e o Direito à cidade, Antônia dos Santos Garcia nos coloca que

[...] a reflexão teórica e metodológica acerca dos antagonismos nas sociedades contemporâneas pressupõe abordagens críticas sobre o modelo de sociedade que nega os sujeitos sociais e políticos diversos, sobretudo, no processo de urbanização [...] (GARCIA, 2012, p. 144).

Nesse sentido, os grupos do Movimento hip hop, no uso que fazem da cidade, reivindicam o uso dessa cidade como um direito. E vão além, criam espaços de intervenção e atuação na cidade, provocando nela, outros usos e interações, estabelecendo interlocuções determinantes a partir destes(as) jovens. O Movimento hip hop é uma importante forma de ocupação dos espaços urbanos, como ocorre com grupos de Florianópolis (Brasil) e Lisboa (Portugal) (SOUZA, 2016); dos jovens em Belo Horizonte (Minas Gerais) na pesquisa de Dayrell (2005); os espaços da educação e ruas de São Paulo na obra organizada por Andrade (1999); nas ruas do Rio de Janeiro, como nos mostra Herschmann (2005); em Brasília, na pesquisa de Amorim (1997); a presença das mulheres em toda a trajetória do Movimento hip hop, apresentada por Ariana Silva (2019), entre muitos outros.

¹⁰ 17 MC's Chullage. Rapensar (Passado, Presente e Futuro) - (2004) - 1 CD.

História do movimento hip hop internacional e nacional

Para podermos abordar o rap paraguaio se faz imprescindível trazer algumas considerações sobre a trajetória do Movimento hip hop, considerando seus passos no âmbito internacional e nacional. O Movimento hip hop, teve seu nascimento nos Estados Unidos na década de 1970 com o entrelaçar de ritmos jamaicanos, do Soul e do Funk (SOUZA, 2009, p. 47). As expressões culturais presentes no movimento encruzilham-se com as demandas dos jovens e o contexto social e político da resistência dos afro-latino-americanos e caribenhos, ampliando os diálogos estético-musicais em cada contexto em que se localiza, como no caso do rap paraguaio, com forte influência das culturas guaranis.

O Movimento hip hop é uma expressão da diáspora (HALL, 2011) que nos permite compreender como os processos de deslocamentos marcados por conflitos e disputas de poder, proporcionaram a difusão de conhecimentos e saberes ancestrais africanos. O desterramento de milhões de pessoas do continente africano para o americano durante o processo escravocrata-colonial, cria essa diáspora que precisa se refazer, reconstruir enquanto cultura no enfrentamento ao grande processo histórico de negações e violências produzidas historicamente. Esse processo diaspórico, por meio de estratégias de resistência foram recriando e adaptando conhecimentos ancestrais, sendo a musicalidade um deles. Essa resistência identitária entrelaçou o passado do povo africano sequestrado com o futuro de luta e ensinamentos dos seus descendentes na diáspora.

A população negra nas Américas ao se refazer enquanto “ser” conciliou sua identidade com os outros povos aqui presentes, como os indígenas, que também sofreram o processo de escravização e exploração colonial. Fazendo de sua identidade uma forma de perpetuação e resistência contra as marcas da classificação racial/gênero/etnia. O Movimento hip hop é uma dessas formas de expressão diaspóricas, de resistência e enfrentamento que se faz nas adversidades dos próprios contextos socioculturais nos quais se encontram e dessa forma vão se espalhando por diferentes espaços, fazendo do rap um importante instrumento de contestação e denúncia.

Nessa expansão pelo mundo, a arte produzida neste processo diaspórico é utilizada como forma de reivindicação de direitos negados, como no caso do Movimento do hip hop, que foi se modificando de acordo com o espaço geográfico e especificidades sociais e econômicas desde sua origem. O rap, enquanto uma das estéticas desse Movimento, formado através do pertencimento local que se faz/refaz nas vivências entrelaçando as rimas e gírias, retratando a realidade, tensionando o

senso crítico para a transformação da própria realidade na qual tanto os MC's e o público que os escutam são submetidos.

Neste sentido, o Movimento hip hop, fruto deste processo histórico, institui-fazer-ser uma ferramenta de difusão em massa com sua sonoridade e batida que debatem temáticas sociais, culturais, históricas e raciais, alcançando camadas populares de várias nacionalidades contribuindo para o (rap)pensar com sua linguagem periférica, como ocorre no contexto paraguaio.

Movimento rap paraguaio

O Movimento hip hop paraguaio teve seu surgimento em 1990 com rimas em Guaraní e em castelhano denunciando a falta de políticas públicas como por exemplo: a situação de vulnerabilidade social da população guarani, baixos índices de escolaridade e saúde, por um lado e, por outro, valorizando o cotidiano da população paraguaia. Tendo como um dos precursores o Yamil Rios conhecido como X-Ile, que foi criado nos Estados do Unidos e por isso teve a oportunidade de vivenciar e interagir com a cultura hip hop. Ao regressar para o seu país trouxe alguns elementos do movimento para o Paraguai, como colocado pelo colunista Jeff Ferreira na matéria “Hip Hop Paraguai: O Movimento No Solo Guaraní” (2014)¹¹. Também podemos destacar outros nomes da rap paraguaio como Denots¹², El Enviado¹³ entre outros grupos que movimentaram o contexto musical paraguaio com suas rimas e expressões políticas.

Na entrevista, Albert Giudici relembra as dificuldades de gravar e achar material que pudesse ser usado como base nas mesas de som na década de 1990, ainda não havendo google ou outras plataformas que dessem acesso a batidas que pudessem servir de base musicais para os raps. Como colocado neste trecho:

[...] lo que entonces es la diferencia del empezar los 90 y hoy es el acceso a la información. Para nosotros que queríamos ser DJ, teníamos que viajar a Estados Unidos, comprar los discos y traer, por acá no había. No había internet para bajar una a capela ni bajar un beat ni nada. No había google ni youtube play, caso había algun problema, cualquier pregunta, esa herramienta no había. Entonces era muy poca la gente que por interese de hecho hacia, pero el publico massivo

¹¹ Informações retiradas do site submundo do som. Disponível em: <<http://www.submundodosom.com.br/2019/04/hip-hop-paraguaio-o-movimento-no-solo.html>>. Acesso em: 15 out. 2021.

¹² Denots: grupo criado em 2005 na cidade de Assunção, composto pelos Rappers: Platt, Kosmyk, JoMa, CtrlZ e Kast. Disponível em: <<https://www.zonadeobras.com/>>. Acesso em: 15 out. 2021.

¹³ El Enviado: MC de Assunção ficou conhecido por ser um dos primeiros a inserir o Guaraní nas rimas. Disponível: <<https://www.zonadeobras.com/>>. Acesso em: 15 out. 2021.

tampoco era influentes como GIUDICI, Albert. Entrevista. [2013]. Entrevistadora: Janaina Santana. Assunção - PY, 2013.

Mesmo com toda a dificuldade, em 2003 foi lançado o primeiro disco de rap o “Funktastic Five” do grupo Maske 1 formado pelo X-Ile, Andrés Valdovinos e DJ P. López e o Albert Giudici que antes era conhecido como Ctrl Z.

Figura 3 - Disco “Funktastic Five” (2003)



14

Entretanto, com o passar do tempo o estilo musical foi se espalhando pelo país proporcionando a realização de alguns festivais importantes como: “Uno Vs Uno” (2010) e o “Oye Guaraní”. Já em 2018 aconteceu um grande marco para o movimento, foi ao ar o primeiro programa chamado “La Base” que abordava o hip hop paraguaio emitido pela emissora Paraguay TV.

Através da entrevista com o grupo Koa Há fica evidente a relevância que o Movimento hip hop teve em tensionar aspectos culturais e sociais no país, abordando os corpos e a linguagem como uma expressão do “ser” desses jovens:

¹⁴ Disponível em: <www.submundodosom.com.br/2019/04/hip-hop-paraguaio-o-movimento-no-solo.html>. Acesso em: 20 out. 2021.

Pero en ese momento nosotros eramos gente rara en esa época, o sea, no podemos entrar en discotecas y era prohibido entrar en diferentes lugares, al shopping no podia entrar asi con pulsera boxter y cosas. Pero fue toda la experiencia ver como Paraguay se transmutó en ese sentido y la gente hoy tiene más onda, la gente joven no se hacen lo mismo intelecto, ya tienen como comparar el acceso a la información¹⁵.

Nesta fala o Mc Alberto Giudici, explica como os *manos* e *minas* que faziam o movimento na década de 1990 eram vistos, com roupas especificas, que questionavam o padrão estético “aceito” socialmente instigando o debate. Esse posicionamento fica expresso também nas letras do grupo, como por exemplo neste trecho da música “Somos esos”: “yo quiero que sea por él / como el odiado por la gente normal / lo que no quiere” (KOA HÁ, 2014).

Portanto, o hip-hop representava a voz e a corporalidade de uma geração disposta a debater e confrontar questões sociais, através da relação entre a corporalidade e a arte, um entrelaçamento entre olhares, corpo, pensamentos e estéticas, transformando as *calles* em teatros. Podemos ver nas rimas do grupo que através do rap vão ganhando *la calle* e utilizando o rap como ferramenta de resistência e persistência para enfrentar o sistema.

Outro ponto a destacar, o rap e as demais expressões do movimento, absorveram as especificidades culturais e históricas da região, no caso do Movimento hip hop paraguaio, por meio das palavras e traços da ancestralidade presente na cultura Guaraní. Como podemos perceber nesta fala:

Lo mismo en la parte que nosotros decimos en Guaraní, hay una mezcla del Guaraní e papo de calle y no es Guaraní tampoco, es la mezcla de Guaraní con papo de la calle y castellano, una mezcla que como decimos nosotros Yopará, quando hay la fusión¹⁶.

Desta forma, quando o Movimento hip hop traz em suas rimas a narrativa oral, bem como, a escrita em guarani, pode ser entendido como uma valorização e problematização da identidade dentro de uma cultura. Cabe ressaltar que 117.150 da população total do Paraguai é composta pela população indígena, quase 10% da população, segundo o Instituto Nacional de Estadística do Paraguai (INE - 2016).

¹⁵ Mc Alberto Giudici em entrevista concedida a SANTANA, Janaina. Assunção, Paraguai, 2013.

¹⁶ KleinaMc Locx em entrevista concedida a SANTANA, Janaina. Assunção, Paraguai, 2013.

Nesse contexto, pensando a junção do *papo de calle* e as especificidades de suas linguagens em guarani nas rimas de rap, podemos entender que as expressividades sonoras, culturais, étnicas podem ser entendidas como possibilidades de representar signos que proporcionem o repensar sobre os traços culturais guaranis presentes nas relações e práticas sociais do país, colocando o modo de “fazer” e “pensar” do rap não somente como representação artística, mas como uma ferramenta de denúncia que torna-o também um corpo político.

O rap absorve as especificidades de cada local em que é vivido e faz a partir das vivências as composições, suas letras, as experiências dos MC's e DJ's. O grupo Koa Há nos traz especificidades como a “mistura linguística” entre o português, castelhano e o guarani, algumas vezes usadas nas letras de rap, evidenciando como essa fronteira é aqui percebida como espaço de encontro expresso na *movida*. Outro ponto significativo é o próprio nome do grupo em guarani, evidenciando a inserção da cultura guarani tanto na forma de se fazer rap quanto nas rimas e pensamentos:

El nombre es en Guaraní Koa Há que significa “esto és”. Entre nosotros hay una mezcla meio que estranha, que venía a ser la primera escuela del rap en Paraguay y yo ya vengo despues y nosotros nos unimos al final y despues nos unimos con um amigo de Chile, que és alguien de afuera y nos formamos algo así¹⁷.

O grupo traz em seu nome a identidade guarani, delimita uma preocupação em abordar em suas rimas um traço cultural muitas vezes não valorizado no país, afirmando que “esto és”, traduzindo para o português: “Isto é” Paraguai também. Que a *movida* precisa trazer essa mistura/“mezcla” de memórias, histórias, corporalidades e pertencimento.

Podemos perceber a importância da cultura guarani para se entender o Paraguai e como cada traço desse povo é determinante para a construção da identidade da população, não somente como marco histórico, que delimita o passado, mas como algo vivo e presente, como ressaltado pelo KleinaMc, a mistura do *papo de calle* com o castellano que forma uma mistura ou como colocado *Yopará* que significa *mezcla* em guarani, o *Yopará*¹⁸ também pode ser entendido como a combinação entre o espanhol e o guarani, muito falado em quase todo o território paraguaio.

¹⁷ KleinaMc Locx Entrevista concedida a SANTANA, Janaina. Assunção, Paraguai, 2013.

¹⁸ *Yopará* em guarani significa mistura, é uma variante linguística que faz uma combinação entre o guarani e o espanhol.

Para tanto, ao levantar a pertinência da cultura guarani não somente em suas rimas, mas em seus discursos e formas como entendem o movimento hip hop, o grupo Koa Há, reafirma o significado de rap como ritmo e poesia, palavras sentidas e escutadas através da história do seu povo, o passado ancestral indígena e negro que se evidencia na musicalidade.

Transpondo fronteiras com o Movimento hip hop

Nesse adentrar pelas fronteiras junto com Movimento hip hop, um dos grupos com quem mais atuamos foi o grupo de rap paraguaio Koa Há da cidade de Assunção, com os integrantes Albert Giudici também conhecido como Ctrl Z, EmCikario Cce e KleinaMc Locx. No trabalho de campo foi possível compreender, pelas falas e vivências dos MC's, como se deu o surgimento do Movimento hip hop no país e como esse vai absorvendo as especificidades culturais do espaço onde se constitui, no caso do rap paraguaio.

Com a participação no evento *DivagArte Fest*¹⁹ que teve três edições, foi possível estabelecer contato com o Kast, integrante do grupo de Grafite Infame Crew²⁰, atuante nas cidades de Presidente Franco e Assunção. Esse encontro aconteceu no dia 24 de março de 2013 na cidade de Presidente Franco, departamento de Alto Paraná - PY, onde essa *movida* acontecia algumas vezes durante o ano.

¹⁹ Disponível em: <<https://agendartepy.wordpress.com/2013/03/20/divagarte-fest-el-24-de-marzo-en-pdte-franco/>>. Acesso em: 15 out. 2021.

²⁰ Disponível em: <<http://streetofstylecwb.blogspot.com/2012/03/entrevista-com-kast-inflames-crew.html>>. Acesso em: 15 out. 2021.

Figura 4 - Evento DivagArte Fest (2013)²¹



O DivagArte Fest foi realizado na Praça Liberdade, na cidade Presidente Franco, no Paraguai, havendo o envolvimento de participantes dos três países pertencentes a fronteira trinacional - Brasil, Paraguai e Argentina - mais precisamente os membros do Movimento hip hop das cidades de Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este e Presidente Franco (PY) e Puerto Iguazú (AR) onde se faziam mais presente, tanto como grupos de rap (ritmo e poesia), bem como, os de break (dança) e grafite e pixação (demonstrações artísticas), num encontro de expressões estéticas do Movimento hip hop.

Portanto, esses eventos que aconteceram na cidade de Presidente Franco foram importantes espaços de interlocução para o fazer-sentir a etnografia, possibilitando e

²¹ Foto retirada do acervo pessoal do Mc Mano Zeus. Disponível em: <https://agendartepy.wordpress.com/2013/03/20/divagarte-fest-el-24-de-marzo-en-pdte-franco/?fb_source=pubv1&fbclid=IwAR27wmbAAXhmUn6yCbdy5FW_cQGMY_im_F3EjQj8I0x1Y1KT-VhmrzuTtZc>. Acesso em: 20 out. 2021.

percebendo como a arte no movimento, na fronteira e suas vivências, seja por meio das rimas, da corporalidade e/ou dos traços culturais nos espaços públicos, como a ocupação de *la calle*. O Movimento hip hop expressa as especificidades culturais de cada espaço, ao mesmo tempo em que se conecta com um contexto mais amplo, entre periferias, favelas, *asentamientos*, *charitas*, cidades e países, a partir das intervenções artístico-culturais abordando temáticas sociais, culturais, étnico-raciais e muitas mais.

O trabalho etnográfico propiciou o estabelecimento de uma rede de contatos, nos movendo dentro de um contexto trinacional, na relação com os rappers paraguaios, cada vez mais vivenciada enquanto um espaço de *movidas*, em encontros que já não se apresentavam como uma simples visita de campo ou um *locus* de pesquisa, mas um ambiente de participação ativa, de aprendizagem constante e construções de laços de amizades. Conhecendo muitos *manos* e *minas* que desaguavam suas vidas em um propósito único, seus corpos despertavam uma performance de compromisso com o rap e a certeza que o Movimento hip hop pode ser um importante meio político para debater questões sociais, culturais e étnicas.

A parceria do artista Kast foi determinante nas relações construídas nesse espaço e que possibilitaram a realização da pesquisa. Ele que fez o contato com o grupo *Koa Há'* em Assunção, explicando para os integrantes nosso interesse em conhecer mais sobre o Movimento hip hop paraguaio. Fizemos o trajeto de Foz do Iguaçu até Assunção de ônibus, chegando de manhã cedo na cidade, ficamos hospedados na casa de um colega de universidade que na época realizava o Curso de Cinema da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, facilitando assim conhecer um pouco do circuito cultural, como cinema, teatros, universidade, centros artísticos, galeria de exposição.

Kast nos encontrou e nos levou para o encontro do grupo *Koa Há'*, explicando que a entrevista seria feita na casa do MC Albert Giudici, um dos integrantes do grupo de rap paraguaio *Koa Há'*, que gentilmente concedeu uma entrevista no estúdio do grupo, localizado em sua casa, um ambiente amplo, onde passaram alguns grupos de rap do Paraguai. Antes da entrevista começar o grupo cedeu alguns materiais como músicas, a cópia do primeiro vídeo clipe “Somos esos” gravada em bar e algumas reportagens de revista sobre o Movimento hip hop.

Figura 5 - Vídeo clipe “Somos esos” (2013)



Fonte: Canal “Koa Ha ã Rap PY” no Youtube²².

Albert Giudici, EmCikario Cce e KleinaMc Locx ressaltam como gostaram de fazer a gravação do rap, não somente pela letra que aborda questões sociais e como o grupo se percebe perante a sociedade, mas também pela energia que o público transmitiu, com as mãos levantadas e vibrando a cada rima, principalmente o MC Albert Giudici fez uma comparação com o começo do movimento no Paraguai que não foi muito aceito por grande parte da sociedade, e agora ver o estabelecimento lotado para a gravação de um video clipe de rap é algo animador, demonstrando o quanto o estilo está crescendo no circuito artístico paraguaio.

Podemos observar como a cultura local indígena faz uso de uma linguagem identitária própria, bem como, de práticas culturais e instrumentais enquanto mediação sociocultural entre os povos locais às suas demandas, seja na valorização dos povos originários como na afirmação de seus territórios. As narrativas poéticas carregam em seus conteúdos uma mistura de línguas e significados de afirmação cultural, de protesto contra práticas governamentais que vêm ocupando os espaços indígenas e no silenciamento dos mesmos, por meio das mortes. Entre a musicalidade e a expressão narrativa poética, a língua assume prática performativa quando os rappers se expressam, onde a oralidade se desenvolve numa alteridade das línguas guaranis e espanhol, bem como, no contexto de fronteira para com o *portunhol*.

²² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KFjrhDNkng0>>. Acesso em: 20 out. 2021.

Referências

AMORIM, L. S. **Cenas de uma revolta urbana**: Movimento hip hop na periferia de Brasília. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UNB, 1997.

ANDRADE, E. N. **Rap e Educação**: Rap é Educação. São Paulo: Summus, 1999.

DAYRELL, J. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte, UFMG, 2005.

GARCIA, A. dos S. Mulher Negra e o direito à cidade: Relações raciais e de gênero. In: SANTOS, R. E. dos (Org.). **Questões urbanas e racismo**. Petrópolis: DP et Alii, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HERSCHMANN, M. (Org.). **Abalando os anos 90**: Funk e Hip-Hop. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HERSCHMANN, M. **O funk e o hip hop invadem a cena**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

PEREIRA, D. A. Cartografias Imaginárias: Geopoéticas e Fronteiras. **Línguas & Letras**, [S.l.], v. 17, n. 38, 2016. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/15649>>. Acesso em: 18 out. 2021.

SILVA, A. **Raperas Sudacas**: A Poética Ameericana e Mestiza Sapatão na América Latina. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) – UFBA, 2019.

SOUZA, A. M. de. **A caminhada é longa e o chão tá liso**: O movimento hip hop em Florianópolis e Lisboa. Tese (Doutorado) – PPGAS- -UFSC, Florianópolis, 2009.

SOUZA, A. M. de; JESUS, J. S. de; SILVA, R. Rap na fronteira: Narrativas poéticas do Movimento hip hop. **Revista TOMO**, Sergipe, n. 25, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/3433>>. Acesso em: 18 out. 2021.